

JUNTANDO OS CACOS: A SOLUÇÃO DE HESSEN E MORIN PARA A FRAGMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Ricardo José Marques Santos

Resumo

Este artigo faz uma breve reflexão sobre como o esforço integrador da filosofia e da ciência podem contribuir para a superação da fragmentação do conhecimento. Tomando-se por base o pensamento de Hessen e Morin, propõe-se que a integração do conhecimento é essencial até mesmo para a compreensão teológica da realidade.

Palavras-chave: Integração do conhecimento. Hessen. Morin.

Abstract

This article undertakes a brief discussion concerning the integrative power of philosophy and science and its influence on our perception of knowledge. The author takes Hessen and Morin as his inspiration and comes to the conclusion that the integration of knowledge is so essential that it becomes a must even for a theological understanding or reality.

Key Words: The integration of knowledge. Hessen. Morin.

Ao ler a chamada de artigos, no número anterior da Revista **Formadores: Vivências e Estudos**, as palavras “primeiro esforço conjunto”, “ensaios foram feitos no passado” e “momento inédito para nós”, ao mesmo tempo em que chamaram nossa atenção, promoveram em nós certo receio por sermos conscientes de que nada é tão temerário quanto o contribuir para a elaboração “de algo que ainda está em vias de constituir-se” (CARDOSO; BRIGNOLI, 1983, p. 352). No entanto, não menor que essa mescla de temor e responsabilidade, é o privilégio de ter a possibilidade de

participar de tal processo.

Não temos, aqui, a intenção de propor uma fórmula que, se seguida, venha obstruir as brechas que a fragmentação do conhecimento vem ampliando ao longo dos séculos. Porém, queremos contribuir especificamente para que a fragmentação que, historicamente, começou no século XVII de nossa era, não venha a ser um impedimento ao conhecimento, sendo, em vez disso, percebida como a parte de um todo e, como tal, portadora de pontes intrínsecas e capazes de diminuir as distâncias entre os fragmentos. Foi

¹ **Ricardo José Marques Santos** é especialista em arqueologia pela Universidade Santo Amaro (UNISA), em São Paulo. Atualmente, é professor da rede educacional adventista na Associação Paulista Sul: ricardomarquesteologia@hotmail.com.

naquele século que Galileu Galilei, por meio da combinação do emprego da linguagem matemática na construção das teorias e do uso do telescópio em suas observações astronômicas, deu uma nova base para as comprovações das hipóteses de Copérnico (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 114).

Para conseguirmos algum avanço nesse sentido, é necessário primeiramente compreendermos que todo conhecimento derivado da filosofia que marcou o começo do uso do rigor racional como necessário para a orientação do saber, antes e depois do início do processo da histórica fragmentação, simbolicamente falando, gira em torno de um pêndulo (HESSEN, 2003). “Existiam, antes do pensamento grego, as filosofias chamadas orientais... A criação de um método para tratar o conhecimento é o grande salto grego” (GUEDES, 1997, p. 78-79).

Referindo-se a esse objeto representativo, disse Hessen (2003, p. 7):

existe entre esses dois elementos uma tensão peculiar. Mal aparece um deles, o outro emerge com mais força; quanto mais um avança, mais o outro retrocede... Não se trata de um ou-isto-ou-aquilo, mas de um tanto-isto-como-aquilo. A filosofia é ambas as coisas: visão de si e visão de mundo.

As duas nuances, a que Hessen denomina de duas principais características da filosofia, constituem-se de uma mesma essência e estão presentes em todos os

seus sistemas:

A totalidade dos objetos /representados no pêndulo/ pode referir-se tanto ao mundo exterior quanto ao mundo interior, tanto ao macrocosmo quanto ao microcosmo. Se a consciência filosófica dirige-se ao macrocosmo, tratamos de filosofia como visão de mundo. Se é o micro cosmo que constitui o objeto de enfoque filosófico... surge a filosofia como visão de si e do espírito (HESSEN, 2003, p. 8).

Se na prática, hoje, o conhecimento fosse concebido na base proposta por Hessen, fragmentado, mas, ligado por uma essência comum, o recente projeto de fundar uma ciência do homem, no século XVIII, que nasceu de uma iniciativa de aplicar ao próprio homem os métodos até então utilizados na área da física ou da biologia, já teria tido avanços mais consistentes.

Uma demonstração da ineficácia da metodologia dessa ciência antropológica, no dizer de Morin (2002, p. 48), é o “agravamento da ignorância do todo enquanto avança o conhecimento das partes.” Por isso, Morin propõe, para o século XXI, uma educação universal centrada no ser humano. Com base em pressupostos filosóficos de Heidegger (1889-1976), Morin (2007, p. 16) diz que, apesar de todo acúmulo do numeroso e diversificado conhecimento sobre o homem e da acessível e pronta disponibilidade de informação sobre o mesmo, ele permanece

desconhecido “mais por mal-ciência do que por ignorância”.

Uma das soluções por ele proposta para que o saber possa, de fato, contribuir para o esclarecimento deste supostamente desconhecido homem, é muito sugestiva para que a Revista **Formadores: Vivências e Estudos** possa influenciar as Faculdades Adventistas da Bahia a superarem, nas suas diversas áreas, a fragmentação do conhecimento: “integração reflexiva dos diversos saberes relativos ao ser humano. Não se trata de somá-los, mas de ligá-los, articulá-los e interpretá-los” (MORIN, 2007, p. 17).

No terceiro dos sete saberes que Morin propõe como necessários à educação do futuro, ele volta a enfatizar a urgente necessidade de um saber que ultrapasse os limites dos diferentes campos de estudos e adverte: “Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano” (MORIN, 2002, p. 15).

Embora não abracemos o que Morin concebe como sendo o propósito

da superação da fragmentação do conhecimento, isto é, a reconstrução de uma antropologia nos moldes do rigor do pensamento alemão do século XIX, louvamos a sua proposta de uma integração reflexiva dos diversos saberes por meio de articulações e interpretações, e entendemos que não podemos deixar fora dessa integração os fundamentos bíblicos que tanto contribuíram para a formação do pensamento de homens como, por exemplo, Isaque Newton (1642-1727) e tantos outros que fizeram da Bíblia um referencial para suas mais profundas reflexões.

Não é uma atitude saudável esquecer que até mesmo o livro sagrado dos cristãos, quando pesquisado como se fosse um livro caído do céu, sem nenhuma ligação com o mundo concreto, como se fosse um fragmento à parte do todo, não contribuiu para o processo de desfragmentação, como sucedeu, por exemplo, com a Igreja predominante do período medieval que, por falta de conhecimento da própria Bíblia, interpretou-a como uma parte isolada do todo e tornou-a um símbolo de opressão da própria ciência.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

GUEDES, Enildo Marinho. **Curso de metodologia científica**. Curitiba: HD Livros, 1997.

HESSEN, Joannes. **Teoria do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.